

EDUCAÇÃO, MIGRAÇÃO E DIVERSIDADE: UM OLHAR SOBRE OS SEUS DESAFIOS

Elisa Schoenhals Sehnem¹

RESUMO: O presente artigo mostra os resultados de uma breve pesquisa com estudantes venezuelanos que estudam na escola em que atua a própria autora e objetiva instigar sobre a questão das migrações que ocorrem no mundo de maneira geral, causas, consequências e os desafios que os migrantes enfrentam até se sentirem pertencentes e acolhidos ao seu novo lugar. É possível verificar que apesar das dificuldades que enfrentam os migrantes, quando eles encontram um lugar acolhedor, torna-se fácil a adaptação e a aprendizagem na escola, e por conseguinte sua vida pode fluir normalmente após ter o domínio da língua do país. No entanto, estes desafios talvez sejam maiores, quando se trata especificamente dos estudantes, porque quando eles chegam, já trazem toda a carga de dificuldades da família, as quais precisam superar e ainda necessitam passar pelo processo de aquisição da língua oficial do país para o qual migraram. Tudo isto, caso não exista um acolhimento ou uma condição favorável para que essas pessoas possam recomeçar, pode ser motivo de angústia e ainda refletir de forma negativa na aprendizagem do estudante. Por outro lado, este processo todo, por mais que seja difícil, pode trazer resultados surpreendentes quando há acolhimento e condições dignas de vida para as famílias migrantes. Para perceber estas situações, foi feita a pesquisa entre alguns alunos, a qual mostra as reais experiências e alguns resultados. E finaliza com uma análise do processo migratório, que mostra que tudo é possível quando predominam certos valores inerentes ao “ser humano”.

1

Palavras-chave: Educação. Migração. Linguagem. Desafios e Superação.

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em migração, logo vem à mente a ideia de processo, de movimento e de busca por um objetivo que ainda não foi contemplado. E é por estes motivos que foi escrito este artigo, para observar e analisar as questões relacionadas à migração de pessoas de um país para o outro e aspectos que envolvem o processo escolar do adolescente no seu desenvolvimento. Trata também especificamente sobre algumas situações vivenciadas na prática por estudantes da escola em que a autora deste artigo atua no presente momento, junto com suas famílias quando vivenciaram seu processo de migração. O tema das migrações é de extrema importância porque sabe-se o quão penoso é alguém mudar de cidade, de região e muito mais, rumar para outro país, cuja língua, costumes e tradições divergem em todas as dimensões. Além disso, tratar dos assuntos que angustiam as pessoas é tentar ajudá-las a analisar seus motivos, suas

¹Graduada em Letras - UNIJUÍ - RS; Especialização em Interdisciplinariedade. FACINTER PR, Mestranda - VENI CREATOR CHRISTIAN UNIVERSITY.

inquietações e apoiá-las em suas decisões, as quais, muitas vezes são, mais por necessidade do que por livre escolha.

Além disso, a aceitação das pessoas do lugar para onde se vai, nem sempre acontece nos primeiros dias. Às vezes, leva muito tempo até que a pessoa consegue sentir-se incluída e aceita no novo grupo. Por mais que, em geral, acontece um trabalho de tentativas de inclusão, apresentação e abertura das pessoas da cidade ou da escola para estas pessoas, o que ocorre de verdade, é muito mais sobre o que o que o adolescente sente internamente do que ele demonstra ser externamente.

Estas e outras questões são tema deste artigo, pois é uma situação vivenciada e percebida na escola, onde a cada semana chegam alunos oriundos de outro país da América Latina, mais especificamente da Venezuela. São pessoas que buscam experiências de vida melhores do que as de seu lugar de origem, por diversas razões, sejam de ordem política, econômica, social ou natural.

Apenas para constar, na cidade onde a autora deste artigo reside, a cada poucos meses chega uma leva de imigrantes venezuelanos com o objetivo de atuar numa empresa destaque do município ou que buscam por experiências melhores e condições de vida mais favoráveis. Segundo informações dos autores do artigo: “Imigração e educação: resistências e acolhimento no espaço intercultural das escolas” da revista Ponta de Lança, se diz:

Conforme os dados do Relatório RAIS, que apresenta informações a respeito da inserção socioeconômica dos imigrantes no mercado de trabalho formal (Simões et al, 2019), o Brasil recebeu, em termos de volume de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho, em 2018, uma quantidade significativa de haitianos, colombianos, peruanos, equatorianos e venezuelanos, sendo este último grupo 8% do total de trabalhadores imigrantes latino-americanos.

E assim, durante vários anos seguidos, chegaram centenas de imigrantes trabalhadores, junto com suas famílias, ou somente parte delas, para fazer tentativas de inserção em novos destinos em território brasileiro. Muitos deles acabaram gostando da experiência e permanecem até hoje no Brasil, em diferentes municípios.

Já dizia o jornalista Rafael Barifouse, com base numa entrevista com pessoas que se declararam sobre a experiência vivenciada no Brasil quando em situação de migração: “O Brasil recebe, mas não acolhe”. Eis, o que bem explica, em parte, a situação de muitos imigrantes que chegam na cidade. Mesmo que há um lugar para estas pessoas morar, trabalhar e viver socialmente, mesmo que enquanto escola, se faz um trabalho de acolhimento e de aceitação de

grupo, existe um lado invisível que demora muito tempo para se igualar ou para que a pessoa se sinta pertencente a este meio.

Porém, existe um sentido mais amplo sobre a palavra acolher. Vejamos como fala o autor Antonio Braga em seu artigo - Acolhimento ao Migrante Internacional, Cidadania no Brasil e a Riqueza do Outro:

[...] podemos nos ater a duas percepções, primeiro ao caso do: Brasil que recebe e que acolhe; e ao outro: o Brasil recebe, mas não acolhe. Podemos considerar que, Lina não se remete às situações concretas de acolhimento que ela recebeu no Brasil, e sim, às situações que ela teve de enfrentar na sociedade brasileira. É, em suma, uma crítica a aspectos da sociedade brasileira. Aspectos que se materializam em experiências negativas, [...]

E continua:

Ao nosso ver, acolher é algo a mais que receber. No acolher há um elemento vital que, não necessariamente, existe no tão somente receber. Você pode, por exemplo, receber algo como uma encomenda ou um documento pelo correio. E quando você recebe a encomenda ou o documento esses não vão exigir nada de você. Falta-lhes vitalidade. Já quando você recebe algo dotado de vida - particularmente quando você recebe outros humanos - algo a mais entra em cena, melhor dizendo, entra na relação. Porque o que passa a existir é uma relação entre aquele humano que recebe e aquele humano que é recebido. E sempre que passa a existir uma relação entre humanos, isto é, algo que envolve bem mais e tende a ir além do ato interativo específico de receber. Na relação entre humanos, em muitas situações, o ato de receber outro humano contém e produz a expectativa da acolhida (acolher, ser acolhido) e este é o caso quando se trata de receber refugiados ou migrantes, que a priori são recebidos como “Outros”, “estrangeiro”, “aqueles que não são daqui.

Então, o que se diz sobre receber e acolher, mostra que há uma grande diferença entre ambas as atitudes. Pois receber é algo mecânico, manual, externo. É o que qualquer pessoa pode fazer, em qualquer situação, desde que nada a impeça. Porém, acolher envolve algo interno, envolve atitude de compreensão, de dar algo mais, de dizer “você pode vir e ficar aqui” e de dar as condições dignas para que esta pessoa possa dar continuidade à sua vida, de preferência ainda se sentindo bem e ao menos parecida com as condições que tinha no seu lugar de origem.

Em relação aos estudantes, que vem para a escola para adentrar no processo educativo, a questão se torna um tanto mais abrangente, pois enquanto escola, há a condição da língua, o que em qualquer país se exige que se fale a língua oficial deste local. E no caso de estrangeiros, por vezes é muito difícil a pessoa já chegar falando a língua oficial da nação. Então, começa um processo penoso de aprendizagem, que vai além de todas as dificuldades sociais, naturais, de moradia, de adaptação à cultura em geral, também o de aprender esta nova língua; o que entre todas as dificuldades, talvez seja a mais desafiadora. E todas as crianças e adolescentes que chegam ao país com a migração, têm direito de educação e acompanhamento escolar igual como as nacionais. ASSUMPÇÃO e COELHO, 2020, fazem uma abordagem sobre o assunto:

A escola é um espaço extremamente importante na construção de conhecimentos e na criação de experiências que propiciem o desenvolvimento cognitivo das crianças. Seu potencial transformador é reconhecido pelos autores deste texto, bem como suas possibilidades para inserção de novas práticas em consonância com os desafios que se apresentam, incluindo a diversidade dos estudantes, cada vez mais intensa no contexto brasileiro, devido às migrações transnacionais ocorridas na última década. No Ensino Fundamental, onde contextualizamos este estudo, percebemos as dimensões da formação e da construção de conhecimentos comprometidas com a remoção das diferentes formas de exclusão.

Portanto, o estrangeiro precisa que suas perspectivas iniciais possam ser favoráveis, em meio às suas buscas e desejos de se inserir no novo espaço, mas principalmente de se sentir aceito e incluso. Para encarar esta situação, convém analisar e perceber que o indivíduo migrante que chega na escola, precisa se sentir acolhido e amado e necessita buscar apoio para essa etapa inicial e para que tenha estímulo de continuar seus estudos. E para que se sinta motivado na nova etapa da sua vida. Pois já é difícil recomeçar, em lugar diferentes, com pessoas que não conhece e em lugar onde tudo precisa ser reaprendido, desde a forma de viver até os espaços onde irá passar seus dias, seja com a família, no trabalho e no lazer; muito mais o é dentro da escola onde se sabe que a necessidade de pertencimento nesta fase da vida é de extrema importância. Então, o que dizer e o que fazer para atingir tais objetivos?

2. Os motivos da migração

A população migra de um lugar para outro por diversas razões, sejam de ordem econômica, social, política, educacional, ambiental ou até por um motivo religioso. Pode-se explicar cada fator, porque afinal, estes são em geral, os principais motivos pelos quais as pessoas buscam viver, se relacionar, e diga-se também, são os objetivos que se busca aperfeiçoar na vida. Então, a questão econômica, pode ser explicada pela procura por melhores oportunidades de trabalho, melhores condições de vida, uma estabilidade financeira devido a salários mais altos.

Por outro lado, pode ser que a pessoa busque um melhor convívio social, o que pode incluir também a educação, acesso a serviços de saúde de qualidade ou estar mais perto de familiares ou até viver num país com menos desigualdades. Também há os motivos políticos, às vezes representando riscos à liberdade de expressão ou direitos humanos ou perseguições e até ditaduras, falta de paz e ordem social, o que deixa as pessoas sem as condições dignas do convívio cotidiano. Ou há guerras, lutas armadas ou perseguições o que leva as famílias muitas vezes, a fazer migrações forçadas a fim de proteger os seus.

Há também motivos ambientais, como por exemplo, quem mora em locais de desastres naturais, como terremotos, enchentes e furacões cujas consequências tornam difícil a missão de

recomeçar a cada evento, o que torna uma região quase que inabitável. Ou pela busca de novas oportunidades, ou por querer conhecer novas culturas, realizar projetos profissionais e viver novas experiências de vida. Por último, pode-se ainda citar os motivos espirituais quando alguém tem uma missão religiosa a cumprir, ou por opções de crenças, de vivência da espiritualidade, cujos motivos podem ser menos ou mais favoráveis dependendo do lugar em que se vive.

E assim, talvez depois de pesquisar um espaço ou um país melhor para se viver, as pessoas vão se instalando onde encontram as condições necessárias ou as que condizem melhor com sua situação naquele momento. Por vezes, estes motivos podem ser comuns a um grupo de pessoas, de famílias e até de parte da população de um país. E quando um objetivo se instala e as pessoas se conectam, socializam um lugar ideal ou onde encontram uma possibilidade de vida digna incluindo principalmente o trabalho e o estudo dos filhos, pode ser que aconteça a migração de uma grande leva da população de uma região. Não necessariamente ao mesmo tempo, porém, talvez a longo prazo, essas pessoas dialogam com as do país de origem e assim, as que ficaram, ao saber que há oportunidades favoráveis, vão se deslocando para regiões ou municípios próximos ou até para a mesma cidade.

É o que acontece com muitos estudantes da escola X, cujas famílias vem ao local por motivos comuns e são oriundas do mesmo país: a Venezuela. Trata-se de estudantes venezuelanos, cujos pais, ou somente o pai ou somente a mãe, ou por vezes alguns vem apenas com tios, parentes próximos, enfim, alguém que os traga para continuarem seus estudos e assim acabam se tornando discentes da escola onde a autora atua como professora efetiva há mais de duas décadas.

Estes estudantes, na maioria das vezes, quando chegam, sabem apenas falar a sua língua materna e por isso dificulta-lhes a integração e a socialização nos grupos maiores ou nas turmas nas quais são inseridos. Percebe-se uma limitação uma tanto exagerada quanto ao domínio da língua portuguesa, que é a língua pela qual deveriam já se comunicar ao entrar na escola, visto ser a língua oficial deste país. Porém, para os que têm mais sorte, geralmente na turma em que são inseridos, geralmente já existem colegas da mesma origem. E então acontece que as mensagens ou informações que ainda não compreendem, podem pedir explicação para os colegas que já frequentavam a turma. Outros que não têm a mesma sorte, precisam da ajuda de professores que raramente sabem falar a língua espanhola, que é sua língua materna.

3. As dificuldades dos caminhos da migração: causas e consequências

Já dizia Luíza Ferreira Vieira, em seu artigo sobre os fluxos migratórios, especificamente sobre os tipos, causas, consequências e desafios:

As causas dos fluxos migratórios são variadas e complexas, refletindo uma combinação de fatores econômicos, políticos, sociais e ambientais. Ao mesmo tempo, esses fluxos migratórios têm consequências significativas nas áreas de origem e de destino. Essas causas podem envolver a busca por melhores oportunidades econômicas, a fuga de conflitos, da instabilidade política, de perseguição (política, religiosa, étnica) e até mesmo dos desastres naturais. As consequências dos fluxos migratórios podem ser: a influência na economia local, os desafios sociais e políticos e, inclusive, a integração cultural entre residentes e imigrantes. Além disso, muitos imigrantes sofrem com xenofobia”.

É importante compreender que as causas e consequências dos fluxos migratórios podem variar segundo os contextos e as regiões do mundo. Assim, o entendimento dessas dinâmicas é fundamental para fomentar políticas migratórias, promover a proteção dos direitos dos migrantes e criar sociedades inclusivas e sustentáveis.

Durante o processo de migração é possível imaginar e identificar que há inúmeros percalços e desafios pelos quais um migrante pode passar. Ou seja, as dificuldades advindas desta passagem de um país para o outro, ou até depois de já terem se instalado em outra cidade e então chegar para a que trata este texto, são literalmente óbvias e desfavoráveis. E pensar que uma situação é quando se trata de pessoas adultas que já tem alguma experiência de vida, que já são mais capazes de enfrentar desafios ou de superar as turbulências do caminho. Outra situação é quando se trata de um adolescente, que além de estar frequentando já um momento de transição na sua vida, da infância para a fase adulta, ainda precisa suportar a dor de abandonar amigos, familiares e pessoas queridas da sua vida, não deve ser nada confortável. Este adolescente, além de chegar num mundo diferente do seu, onde há costumes totalmente diversos, onde as pessoas ainda não olham para ele, e nem sequer entendem sua língua e onde as dificuldades de moradia, de reinício de vida, de se adaptar a outra casa e a tudo que se possa imaginar, realmente deve passar por sentimentos e situações que não devem ser nada agradáveis.

Sabe-se também que durante a jornada migratória, antes mesmo de chegar ao local de destino ou onde o migrante pretende fixar residência, há muitos obstáculos que enfrentam, às vezes até perigosos. Entre eles é possível citar as condições climáticas extremas, altas ou baixas temperaturas, com as quais não são acostumados, obstáculos geográficos como travessia de desertos, montanhas, locais íngremes ou mesmo rios, mares ou selvas e que podem muitas vezes estar relacionados ao aparecimento de doenças, desidratação ou hipotermia, quando não a morte.

Ao mesmo tempo, igualmente a falta de recursos básicos como acesso à água potável, alimentos e abrigo adequados durante o trajeto, o que aumenta a vulnerabilidade à doenças e à

fome. Também há riscos de fenômenos atmosféricos como chuvas intensas, inundações e tempestades, dependendo da rota e da época do ano. Em muitos casos, os migrantes podem acabar vivendo em áreas com infraestrutura inadequada, expostas a riscos ambientais ou de moradia precária.

Essas dificuldades naturais somam-se aos desafios sociais, econômicos e burocráticos (como barreiras linguísticas, preconceito e dificuldades de documentação) que os migrantes enfrentam em seu processo de integração. Dessa forma, somam-se diversas questões de ordem natural, de recursos e das burocracias políticas advindas no processo migratório.

Agora, passa-se a analisar as questões mentais, psicológicas e emocionais dessa criança ou adolescente que migra de um país para outro. É possível dizer até que estas questões são mais amplas e marcantes do que as citadas anteriormente. Pois a vida diária de cada indivíduo acontece primeiramente na mente, na psique, no emocional para então estender-se ao aspecto visual, externo, natural. Ou seja, se há algum problema estabelecido, certamente ele será em primeiro lugar sentido, depois visto ou ouvido ou resolvido. Isto é, a vida humana acontece, na maioria das vezes, no coração e depois na razão, de dentro para fora e não o contrário. E é por isto que se tem tantas diferenças, tantas situações adversas ou até situações semelhantes que são sentidas e interpretadas de inúmeras maneiras, dependendo de quem olha, sente e percebe.

7

Conforme, Martins-Borges, 2013:

[...] a Imigração forçada surge como um fator de risco que caracteriza um histórico de violência. Esta unidade temática difere também da anterior devido à ausência de preparação para a imigração, além da reduzida possibilidade de retorno em decorrência de conflitos que colocam em risco a vida dos imigrantes. Nessas migrações, narradas especificamente por estudantes haitianos e venezuelanos, as possibilidades de escolha ilustrada por indagações – onde ir, como ir e com quem ir – são diminuídas devido à urgência do deslocamento [...].

E portanto, não há muitas escolhas a fazer, não há nem tempo para pensar e analisar pra que lado ir, pra que país melhor se adaptar, pois as situações problemáticas já se acumularam, a ponto de quando chegar a hora de realmente ter que deixar seu lugar, não há mais tempo nem opções de sobra. E assim, as consequências já serão sentidas daquele momento em diante. Porque ninguém, em sua consciência diz que de um dia para o outro irá escolher um outro país para morar. Somente o faz quem tem planos de estudos, quem tem projetos a realizar ou como o jovem que tem sonhos para o futuro. Fora isto, só se muda quem está numa situação forçada, quem percebe que se não sair logo, alguma situação de risco irá ocorrer e então, a única saída é deixar o local.

Conforme M. Stefanelli, 2016, em seu artigo sobre o acolhimento aos migrantes na cidade de São Paulo:

Ao se deslocarem, os seres humanos deslocam consigo suas raízes, movimentam tradições, costumes, idiomas e história; movem a sociedade, o poder público, mas acima de tudo, suas esperanças e expectativas. Esse ir e vir de pessoas em busca de uma vida melhor, fugindo de situações ameaçadoras, explícitas ou implícitas, existe desde os primórdios da humanidade, pois os seres humanos de então eram nômades e, assim sendo, quando os recursos naturais se esgotavam, migravam em busca de alimento para garantir a preservação do grupo. Esse movimento se repete até os dias atuais: quando o ‘aqui’ não está a contento, existe a possibilidade de encontrar ‘lá’ algo que favoreça e preserve a vida. A humanidade passou de nômade a sedentária, aprendeu a cultivar seus alimentos, estabeleceu-se, mas ainda hoje tem como principal característica a busca por melhores condições de sobrevivência.

Portanto, em geral as pessoas não migram por livres ou espontâneas escolhas. Migram porque algo as aflige. E assim, obviamente a psique e o emocional já são afetados. Pensa-se, logo nestes conflitos: como o adolescente poderá passar sem ser atingido por uma situação de migração, de mudança em relação ao espaço ao qual estava acostumado e encontrar pessoas novas, grupos aos quais ainda não está enturmado, situações totalmente adversas e diversas do que ele estava acostumado. Como superar sem influenciar a sua emoção? E quando ele chega numa nova escola, onde nem sequer conhece a língua que se fala, como iniciar um novo dia sem poder se comunicar?

Estes são, portanto, alguns desafios que estes jovens estudantes precisam obrigatoriamente superar quando embarcam na história da migração. E por isso este texto, tenta analisar de como o adolescente consegue a curto, médio ou longo prazo se sentir parte do grupo ao qual é inserido, depois de talvez ter experienciado todas as situações possíveis e desagradáveis de “não se sentir em casa”. Como esta criança supera tais desafios e até que enfim, depois de muito tempo, consegue pensar e dizer: “agora sim, estou no lugar que gosto e com as pessoas que me agradam”. É totalmente certo que isto não acontece de um dia para o outro.

E quando o estudante chega à escola, traz junto toda esta bagagem, a soma das adversidades junto aos desafios e experiências vividas no trajeto da imigração, somadas à cultura de sua origem e costumes do seu povo. Então começa um processo de inclusão, no caso, o indivíduo espera ser incluso ao contexto da escola onde se matricula.

A partir da perspectiva freireana, educar implica reconhecer que os estudantes chegam à escola carregando suas histórias, culturas, desejos, sonhos e a permanente “vontade de ser mais”. Nesse sentido, não se trata apenas de garantir o acesso à matrícula formal, mas de acolher os projetos de vida desses sujeitos em uma perspectiva ética e estética. Em um país marcado por profundas desigualdades e por uma diversidade cultural frequentemente silenciada, muitos estudantes — incluindo filhos de imigrantes, refugiados e jovens das classes populares —

acabam se sentindo estrangeiros dentro da própria escola, uma vez que o modelo educacional historicamente foi pensado para atender às elites (FREIRE, 1997).

Assim pois, percebe-se que os desafios do novo estudante que se matricula na escola, iniciam mesmo antes da saída do seu país, passam pelo caminho da migração até a chegada, pela busca de moradia, pela inserção na nova cultura e para a continuidade do seu processo formativo na escola, e ainda até o sentimento de acolhida e de pertencimento ao novo grupo. Este percurso demora muito mais do que imagina quem nunca foi migrante.

E foi por estes motivos que foi elaborado um questionário para entrevistar alguns estudantes venezuelanos para saber das dificuldades, dos desafios, do acolhimento ou não, das indulgências com a língua e do sentimento que mudou deste a chegada até o momento sobre todas as situações de migração. Foram entrevistados 15 alunos, com base nos seguintes questionamentos:

- 1) Qual foi a maior dificuldade que tens passado desde a saída do seu país até o presente momento?
- 2) Como foi a recepção que você sentiu na escola, no bairro e na cidade onde moras? Na escola (teve acolhida?, alguém levou você para a sala de aula e colegas?, como foi?) No bairro – sentiram-se acolhidos, encontraram seu lugar? Na cidade, estão gostando? Conseguiram se adaptar bem?
- 3) Sobre as principais dificuldades e desafios, o que foi mais difícil de superar?
- 4) E sobre a língua na escola, já sabe falar bem o português (língua oficial do Brasil) ou ainda tem dificuldades? Consegue compreender bem os colegas de turma que são brasileiros?
- 5) O que dirias para as pessoas desta cidade e para a Escola São Vicente como agradecimento ou como algo que gostarias de dizer que ficou marcado no seu coração?
- 6) Quais obstáculos você e sua família enfrentaram durante o caminho de chegada da Venezuela até Itapiranga?

9

E então após, as entrevistas e a análise das respostas deles, pode-se concluir várias ideias. Dentre elas a de que realmente várias dificuldades foram superadas como se pode citar:

Sobre a primeira pergunta, as principais dificuldades enfrentadas pela maioria foram a de deixar parte da família no país de origem e vir para tão longe numa terra tão distante e tão diferente; também sobre a língua a qual no início não entendiam praticamente nada. Ainda, para alguns, teve a dificuldade de conseguir a documentação na fronteira do Brasil com a Venezuela e por esse motivo tiveram que pernoitar por dias e até por algumas semanas sem um teto, em um refúgio ou mesmo ar livre sobre papelões.

Sobre a segunda pergunta, a maioria disse que foram bem acolhidos, que na escola alguém os levou para a sala de aula e que nas salas onde já tinha colegas venezuelanos estes

davam suporte e ajuda para prosseguir. Também na cidade se sentem bem e estão adaptados à cultura e às diferenças que sentiram na chegada para o município.

Em relação à terceira e quarta pergunta, alguns alunos relataram que foi muito difícil ficar longe da família durante muitos anos, até sete anos teve um caso. Além disso, também a questão do idioma que para alguns demorou um bom tempo até que conseguiram entender e aprender. Também um fato curioso, sobre conseguir a documentação na fronteira, onde teve policial da polícia federal que pedia dinheiro para liberar os documentos e as famílias já estavam em situação precária na época da imigração.

Na sequência das perguntas, trata do sentimento das pessoas hoje, depois de tanto tempo já vivendo no Brasil e elas dizem que são muito gratas aos brasileiros, aos munícipes e à escola pela aceitação, pela acolhida e todo apoio que lhes foi prestado, pois no início realmente sentiam-se perdidos e sem rumo. Especificamente sobre a escola, dizem ser excelente, com professores acolhedores e colegas igualmente. E que são gratos pela educação que estão recebendo, a qual em seu país não tiveram. E que nunca vão esquecer dos momentos bons e que vão levá-los no coração. Em relação à cidade, alguns até dizem ser uma cidade maravilhosa, com pessoas que acolhem e ajudam nas dificuldades e por isso, os migrantes nem pensam em voltar para seu país de origem.

4. Uma análise conclusiva dos fatos

Os relatos apresentados evidenciam, de maneira bastante clara, a profundidade emocional, social e cultural que envolve o processo migratório. Ao responderem às perguntas, os estudantes revelam dimensões que ultrapassam questões materiais ou logísticas e que tocam diretamente em aspectos afetivos, humanos e de identidade. A primeira grande dificuldade mencionada — a separação da família — constitui um dos elementos mais dolorosos de qualquer processo migratório. Muitos estudantes relatam ter deixado pais, irmãos e parentes próximos na Venezuela, e essa ruptura, mesmo quando temporária, provoca insegurança, saudade e, muitas vezes, um sentimento de perda irreparável. A distância geográfica, associada às incertezas sobre o reencontro, intensifica o sofrimento e torna as primeiras fases da adaptação ainda mais desafiadoras.

Segundo o sociólogo francês, Abdelmalek Sayad, considerado um dos maiores estudiosos da migração, ele destaca o caráter duplo, complexo e doloroso do ato de migrar: “A imigração é

sempre vivida duas vezes: como partida e como chegada; e ambas as experiências são igualmente sofridas.” A reflexão de Sayad dialoga diretamente com os relatos dos estudantes.

Outro aspecto central apontado é a barreira linguística. A dificuldade inicial para compreender a língua portuguesa aparece como um obstáculo significativo, não apenas na comunicação cotidiana, mas também no processo de escolarização. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de acesso ao conhecimento, à cultura e à convivência social. Por isso, não compreendê-la plenamente, significa sentir-se deslocado, inseguro e, em muitos casos, dependente da ajuda de terceiros. No entanto, a presença de outros colegas venezuelanos atuou como importante ponto de apoio, demonstrando a força das redes de solidariedade entre migrantes.

Aspectos ligados à documentação e ao processo de regularização também foram marcantes. Relatos sobre dificuldades na fronteira, longas esperas, falta de abrigo adequado e até situações de abuso ou corrupção revelam a vulnerabilidade dos migrantes diante de estruturas institucionais nem sempre preparadas para lidar humanamente com fluxos migratórios intensos. Mencionar que algumas famílias precisaram dormir ao ar livre, sobre papelões, mostra que o início da jornada no Brasil foi permeado por precariedade e incertezas.

Outro autor, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em seus estudos sobre modernidade e deslocamentos humanos, enfatiza o sentimento de incerteza e desamparo que acompanha os migrantes. E, Sayad (2010), resume sua ideia dizendo que o imigrante vive uma "dupla ausência", sendo definido pela instabilidade de não pertencer integralmente à sociedade de origem nem à de destino, ou seja, aborda a condição do migrante como um ser em trânsito, marcado pela instabilidade e por um constante sentimento de não pertença. Este pensamento dialoga com o estranhamento e o sentimento de desorientação relatados pelos estudantes ao chegarem ao Brasil — especialmente pela barreira linguística, pela falta de documentação e pelas dificuldades de se adaptarem a um contexto completamente novo. Com o tempo, a acolhida escolar e comunitária vai diminuindo essa sensação de deslocamento, permitindo que encontrem pertencimento e estabilidade.

Apesar desses obstáculos, destaca-se de forma contundente a percepção positiva dos estudantes sobre a acolhida recebida no Brasil, especialmente na escola. O ambiente escolar aparece como um espaço de pertencimento, segurança e reconhecimento. Professores, colegas e demais integrantes da comunidade escolar foram descritos como acolhedores, disponíveis e empáticos — fatores essenciais para a reconstrução de vínculos afetivos e para o fortalecimento

da autoestima dos estudantes migrantes. Essa experiência positiva contribuiu decisivamente para que muitos se sentissem integrados e valorizados, ajudando-os a superar barreiras linguísticas, emocionais, culturais e principalmente às relacionadas à inserção na nova escola.

Deste fato, pode-se pensar inúmeras questões relacionadas à prática pedagógica na escola, visto que o trabalho docente é de uma amplitude que só sabe e imagina quem dela faz parte. Nos entremeios do cotidiano escolar, ser estudante e ser capaz de aprender não depende da sua inteligência ou da sua cognição. Depende sim, de acolhimento, de sentido, de estar aberto e fazer acontecer, independente de quem é o indivíduo que está lá para aprender. Assim sendo, pode ser alguém que é desse país e que já está muito avançado nos saberes, ou alguém que já morou em outra cidade e mesmo assim se inseriu facilmente neste contexto; ou ainda pode ser alguém que veio de outro país, que não conhece ainda a língua do lugar, que não conhece tampouco os colegas com quem ele se encontra todos os dias, porém, mesmo este indivíduo é capaz de aprender.

Pois a aprendizagem não acontece somente na cognição; ela parte do acolhimento, da emoção, do sentido e passa pelo interesse e pelo entusiasmo sobre o que é ensinado. Paulo Freire, 1998, já nos dizia:

[...] é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino de conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência de saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que educação e do que é aprender. No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar [...].

12

No âmbito da cidade e da comunidade local, os relatos também apontam para um forte sentimento de gratidão. Os migrantes reconhecem a generosidade dos habitantes, bem como o apoio recebido em momentos de dificuldade. Mostra que os munícipes desempenharam papel fundamental, oferecendo apoio e construindo um ambiente onde esses jovens puderam se estabilizar e desenvolver laços afetivos. Em alguns casos, essa acolhida foi tão significativa que os entrevistados afirmam não ter intenção de retornar ao país de origem, pois encontraram nos brasileiros uma nova rede de pertencimento e identidade. Essa percepção demonstra que a integração social vai além da adaptação técnica ou funcional: ela envolve a criação de laços, a construção de novas referências culturais e a sensação de inclusão e pode representar uma oportunidade de renascimento.

Outro elemento importante identificado é a valorização da educação. Muitos estudantes afirmam que a escola brasileira lhes oferece oportunidades que não tiveram em seu país. Isso reforça a importância das instituições educacionais como portas de acesso à cidadania, ao futuro profissional e ao desenvolvimento pessoal. Ao serem acolhidos e respeitados, os estudantes conseguem reconstruir parte de sua trajetória interrompida pela migração, encontrando um caminho possível para seus projetos de vida.

A análise das respostas evidencia que o processo migratório é profundamente complexo, envolvendo desafios de ordem emocional, cultural, linguística e social. A separação familiar, as barreiras idiomáticas, as dificuldades na regularização documental e a precariedade na chegada representam obstáculos que marcam profundamente a experiência desses estudantes e de suas famílias. Essas dificuldades não podem ser compreendidas de maneira superficial: trata-se de traumas, rupturas, incertezas e vivências de vulnerabilidade que podem acompanhar os migrantes por longos períodos.

Ao mesmo tempo, observa-se que a trajetória migratória não se resume à dor ou às perdas. Os relatos revelam também resiliência, força, capacidade de adaptação e gratidão. A escola surge como um espaço central de reconstrução, demonstrando o papel fundamental das instituições educacionais na promoção da integração social. Mais do que ensinar conteúdos, a escola acolhe, escuta, legitima identidades e abre caminhos. A atitude acolhedora de professores, colegas e membros da comunidade escolar produz um impacto emocional significativo e contribui para que os estudantes migrantes se sintam vistos, respeitados e pertencentes.

Em síntese, a experiência migratória desses estudantes demonstra que a migração é um fenômeno humano que mobiliza dores e esperanças. Deixar para trás uma história, uma cultura e uma rede de vínculos é doloroso, mas reencontrar acolhida, apoio e dignidade é transformador. Os relatos mostram que, apesar das adversidades, essas pessoas encontraram no Brasil — e especialmente na escola — um lugar onde puderam reconstruir parte de suas vidas. Desse modo, compreender suas trajetórias não apenas amplia nossa visão sobre a migração, mas também reforça a necessidade de políticas públicas, práticas educativas e ações comunitárias que promovam acolhida, respeito e inclusão.

5. CONCLUSÃO

A análise das narrativas dos estudantes evidencia que a migração é um processo profundamente humano, marcado por complexidades que vão muito além do deslocamento

geográfico. Os desafios emocionais, culturais e sociais enfrentados pelos migrantes — como a separação familiar, as barreiras linguísticas, a instabilidade documental e a precariedade inicial — revelam vivências que deixam marcas duradouras e exigem grande capacidade de resistência. Contudo, os relatos também mostram que, paralelamente à dor e às rupturas, emergem força, resiliência e esperança.

Nesse cenário, a escola se destaca como um espaço privilegiado de reconstrução. É nela que muitos estudantes encontram acolhimento, legitimidade e oportunidades de inserção social. O papel dos professores, dos colegas e da comunidade escolar ultrapassa o ensino de conteúdo: envolve escuta, empatia e promoção de pertencimento. Essa rede de apoio, somada ao acolhimento da cidade, possibilita que esses jovens reconstruam laços afetivos e projetem novos horizontes, muitas vezes optando por permanecer no Brasil e construir aqui uma nova vida.

Assim, compreender suas trajetórias nos permite reconhecer que a migração não é apenas um movimento físico, mas um processo de reformulação de identidades, vínculos e futuros. Os objetivos deste trabalho foram alcançados ao iluminar tanto as dores quanto as potencialidades desse percurso. Aprende-se que, quando há políticas públicas, práticas educativas e ações comunitárias pautadas na empatia, no respeito e na inclusão, a experiência migratória pode transformar sofrimento em oportunidade, vulnerabilidade em força e desamparo em esperança.

14

Por isso, a principal lição que emerge desses relatos dos estudantes venezuelanos é clara: com acolhimento e apoio, com o passar do tempo, tudo se ajusta, tudo se adapta e tudo se reinventa; não sem dificuldades, não sem desafios, mas com profunda aprendizagem e humanidade. E a vida que por momentos se pensou estar desvinculada ou confusa, renasce e mostra todo seu vigor ao se transformar novamente e com o sentido de quem encontrou seu lugar. Ou mesmo não sendo o seu, percebeu que ainda pode vir a ser o seu novo lugar. E assim se encontra com seu novo eu, em outro lugar, com outras pessoas e falando outra língua. O que era desafio virou esperança de um novo amanhã.

Portanto, é necessário considerar aqui que os objetivos deste trabalho foram alcançados com êxito e com um olhar que considera a compreensão, o apoio e a tolerância diante da situação das pessoas que passam pelo processo migratório. É por isso que a principal lição que emerge dessas falas é que a migração não é apenas deslocamento físico: é reconstrução de identidade, de pertencimento e de futuro. E quando essa reconstrução acontece em um ambiente acolhedor, ela se transforma em gratidão, integração e esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Adriana Maria. COELHO, João Paulo Rossini Teixeira. Crianças migrantes e o direito à educação. REMHU, Revista Interdisciplinar. Mobilidade Humana, Brasília, v. 28, n. 60, dez. 2020, p. 174.

BARIFOUSE, Rafael. Site BBC News Brasil em São Paulo, fevereiro de 2022, p. 7.

BORGES, Martins L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. Revista Interdisciplinar de mobilidade humana, 21, p. 151-162.

BRAGA, Antonio. Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v.17, n.17 (2022). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, v.1, n.1 (2006) Anual: ISSN: 1984.

FERREIRA, Luíza Vieira. Fluxos migratórios: tipos, causas, consequências e desafios, blog Aprova Total - Geografia, março de 2023, pág. 4.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998, pág. 49.

GARCIA JR, Afrânio. Abdelmalek Sayad no Brasil: Os imigrantes internacionais como um caso limite de agentes sociais forçados à reconversão. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 1, jan.- jun. 2018, pp. 59-82.

PAES, Vanessa Generoso. BORGES, Luciana Riça Mourão. PEREIRA, Rosa Martins Costa. SANTOS, Zuila Guimarães Cova dos. Ponta de Lança: Rev. Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 18, n. 35, jul. - dez. 2024 ISSN: 1982, pág 209.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. Edusp, 1998, pág 15 e 40.

STEFANELLI, M. M. C. Missão Paz: Lugar de hospitalidade e acolhimento, pág 6/7, Revista site, (2016).